 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 010. Antropologia da Economia

Arlei Sander Damo (UFRGS) - Coordenador/a
Eugênia de Souza Mello Guimarães Motta (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) - Coordenador/a, Gustavo Gomes Onto (UFRJ) - Debatedor/a, Lúcia Helena Alves Müller (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande dos Sul) - Debatedor/a Desde o nascimento da nossa disciplina os interc?mbios de objetos e riquezas, mediados ou n?o pelo dinheiro, as formas de valora??o e de provimento das condi?es materiais de continuidade da vida foram objeto de descri??o e interpreta??o a partir dos modos de vida dos ?outros?. As teorias econ?micas j? tinham grande import?ncia nas sociedades a partir das quais surgiu a antropologia e, nas ?ltimas d?cadas, se tornaram uma verdadeira linguagem global. A import?ncia dos especialistas, sejam acad?micos ou gestores governamentais, nunca foi t?o grande, tendo esses um papel preeminente no desenho de pol?ticas de larga escala. Economia, portanto, concerne a uma multiplicidade de objetos, temas e possibilidades de abordagem que implicam, sempre, o questionamento sobre a pr?pria defini??o sobre o que seja ?a economia? ou que caracterize algo ? pr?tica, teoria ? como ?econ?mico?. A Antropologia da Economia vem ganhando novo f?lego, com a organiza??o de diversos eventos e publica?es acad?micos voltados a essa ?rea de estudos. O objetivo do GT ? propiciar um espa?o dedicado a colocar em di?logo trabalhos que possibilitem explorar a multiplicidade de sentidos da economia, as diversas escalas de observa??o que ela permite e provoca e as ambiguidades e misturas que colocam em quest?o as fronteiras e limites do econ?mico, como a rela??o com as pr?ticas familiares, a intimidade, a religi?o, o consumo, a d?diva, a pol?tica, as moralidades e assim por diante.

As equações "sociolistas" da casa e da vida em um "batey" cubano

Autoria: Carlos Gomes de Castro

Diante do constante e quase irreversível decrescimento da economia açucareira, fruto de uma crise iniciada em fins dos anos 1980, o mundo do açúcar foi pouco a pouco deixando a cena cubana, como se oferecesse seu lugar ao turismo, que, de fato, tornou-se alvo de grandes investimentos financeiros e, não por coincidência, objeto analítico de várias áreas do conhecimento, inclusive da antropologia. Não noticiado, o açúcar foi praticamente esquecido e, por extensão, as próprias transformações advindas de sua ausência foram apagadas, o que fez com que as comunidades açucareiras, mais conhecidas como ?bateyes?, se tornassem espécies de lugares ?fantasmas? ou ?zonas de silêncio?. Com dados de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2012 e 2016 na província de Matanzas, Cuba, invisto em um reencontro com essa substância. No entanto, tal reaproximação é feita a partir de um ?batey? cuja usina esteve ?parada? por quase uma década. O açúcar aparece, por esse motivo, como um elemento de longa duração que, até mesmo na ausência, atua na conformação de uma paisagem caracterizada como ?deteriorada? e ?sem vida?, em que apenas sujeitos ?escapados? (astutos) são capazes de engendrar meios e relações para ?fazer a vida?. ?Campesinos?, ?trabalhadores do campo?, camelôs e diferentes tipos de ?particulares? (autônomos legalizados ou não) fazem parte, entre outros, do extenso grupo de escapados que, ao lado de objetos e circuitos de aluguéis, põem em movimento uma intrincada economia ?sociolista criolla?, isto é, não determinada pelo socialismo centralizado estatal, ainda que dele seja ?socia? (parceira). Eles são, pois, o meu ponto de apoio para descrever as formulações e cálculos ordinários e subjetivos utilizados como forma de ?acomodar? a dinâmica das casas e dos ?negócios? no ?batey? e, ao mesmo tempo, de impulsioná-la em uma direção de ?progresso?, ?desenvolvimento?. Minha descrição intenta encenar, por vezes sem a densidade merecida, importantes questões nativas sobre amizade, ?família no estrangeiro?, uso e propriedade de

 ISBN: 978-85-87942-61-6

?dólares?, circulação de pessoas e mercadorias, construção de objetos ?criollos? e associação ? todas fundamentais para a compreensão das especificidades da concepção e da prática político-econômica examinada. Visto à distância, talvez o ?batey? pareça estagnado, enferrujado; todavia, com um olhar baseado na minúcia etnográfica, é possível observar nele a emergência de constantes pulsações e de modos de praticar e fazer, à maneira das pessoas, o próprio socialismo, convertido ou criolizado ? e não simplesmente copiado ou falsificado ? em um sistema ?sociolista?.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**